



CADERNO DO CAMPO: Leituras e Narrativas das/dos Estudantes do CETISE-BA





UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
Departamento de Ciências Humanas - Campus XIV
Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade-PPGED
Grupo de Pesquisa em Educação do Campo, Trabalho, Contra-
Hegemonia e Emancipação humana -GEPEC

PRODUTO EDUCATIVO

Juliana da Silva Correia
Orientação: Prof.^a Dr.^a Maria Jucilene Lima Ferreira

Conceição do Coité – BA
Ano: 2025

**CADERNO DO CAMPO: LEITURAS E NARRATIVAS
DAS/DOS ESTUDANTES DO CETISE-BA**

Produto Educativo apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade – PPGED, como parte das exigências para a obtenção do Título de Mestre em Educação, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Maria Jucilene Lima Ferreira.

Autoria: Juliana da Silva Correia

Orientação: Prof.^a Dr.^a Maria Jucilene Lima Ferreira
Universidade do Estado da Bahia – UNEB

FICHA CATALOGRÁFICA
Sistema de Bibliotecas da UNEB

Correia, Juliana da Silva

Caderno do campo: leituras e narrativas das/dos estudantes do CETISE-BA. /
Juliana da Silva Correia. – Conceição do Coité, 2025.
100p.:il.

Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Maria Jucilene Lima Ferreira

Produto Educacional (Mestrado) – Universidade do Estado da Bahia Departamento
de Educação – Campus XIV. Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade-
PPGED.

1. Educação do Campo. 2. Práticas Educativas. 3. Ensino de Geografia. 4. CETISE.
I. Ferreira, Maria Jucilene Lima. II. Universidade do Estado da Bahia - Departamento
de Educação. III. Título.

CDD: 371.3

Enquanto houver alguém que ama sua terra, a comunidade continuará viva.

Ranyelly dos Santos Fernandes

SUMÁRIO

1. Apresentação	11
2. Caminhos Percorridos	13
2.1 Mapa Mental e Cartografia Social como Estratégia Pedagógica	15
3. Mapa de Localização das Comunidades Participantes do Inventário da Realidade no CETISE	17
4. COMUNIDADE DO AREAL	
4.1. Retratos da Comunidade.....	18
4.2. Território de Laços, Memórias e Resistência.....	19
4.3. Palavras que Contam Vidas.....	21
5. COMUNIDADE DA BARRIGUDA	
5.1. Olhares que Falam.....	23
5.2. Território Revelado.....	24
5.3. Vozes e Histórias.....	27
6. COMUNIDADE DA BOIADEIRA	
6.1. Cenas do Cotidiano.....	31
6.2. Espaços de Vida.....	33
6.3. Cartas da Terra.....	35
7. COMUNIDADE DE BOA VISTA E MODELO	
7.1. Imagens da Vida no Campo.....	41
7.2. Traços do Território.....	42
7.3. Cartas que Contam História.....	45
8. COMUNIDADE DA CONGA	
8.1. Momentos da Comunidade.....	49
8.2. Mapa das Raízes.....	51
8.3. Vozes em Papel.....	53
9. COMUNIDADE DO DIQUE	
9.1. Olhares Sobre o Dique.....	57
9.2. Mapeando Nosso Espaço.....	58
9.3. Cartas da Nossa Gente.....	61

10. COMUNIDADE DO ENCRUZO	
10.1. Retratos do Encruzo.....	65
10.2. Nosso Encruzo no Mapa.....	66
10.3. Vozes que Escrevem.....	69
11. COMUNIDADES DE LAGOINHA E PAU DE VELA	
11.1. Imagens do Cotidiano.....	73
11.2. Territórios Compartilhados.....	74
11.3. Cartas com Memórias.....	77
12. COMUNIDADE DO MOCÓ	
12.1. Momentos do Mocó.....	81
12.2. Mapa das Histórias.....	82
12.3. Vozes do Mocó.....	85
13. COMUNIDADE DA VÁRZEA DA CASA	
13.1. Imagens e Memórias.....	89
13.2. Território Vivo.....	90
13.3. Cartas e Narrativas.....	93
Referências.....	97

APRESENTAÇÃO

Este livreto é um material pedagógico elaborado a partir da pesquisa de mestrado intitulada “Inventário da Realidade como Instrumento Pedagógico no Ensino de Geografia do Colégio Estadual de Tempo Integral de Santo Estêvão – BA”, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade (PPGED) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – Campus XIV, e vinculada ao Grupo de Pesquisa em Educação do Campo, Trabalho, Contra-Hegemonia e Emancipação Humana (GEPEC).

A proposta nasce do princípio de que a escola precisa dialogar com a vida das/dos estudantes. Para isso, o Inventário da Realidade foi utilizado como instrumento pedagógico para aproximar o ensino de Geografia das vivências, saberes e territórios das/dos estudantes, especialmente daqueles que vivem em comunidades do campo.

Trata-se de um compromisso com uma prática educativa que reconhece e valoriza os territórios do campo como espaços vivos de saberes, memórias e lutas. Por meio do Inventário, estudantes do 3º ano do Ensino Médio, em Tempo Parcial, do turno matutino, do Colégio Estadual de Tempo Integral de Santo Estêvão – BA puderam olhar para suas comunidades com escuta ativa, sensibilidade e criticidade, transformando vivências em conhecimento e identidade em escrita.

As atividades aqui apresentadas foram construídas coletivamente, valorizando a escuta, a participação e o protagonismo das/dos estudantes. O objetivo é contribuir com práticas educativas mais contextualizadas, críticas e comprometidas com os princípios da Educação do Campo.

Neste contexto, o ensino de Geografia no CETISE ganha novo significado ao ser articulado com a realidade concreta das/dos estudantes, tornando-se um instrumento potente para interpretar o espaço vivido, problematizar as desigualdades e propor caminhos de transformação social.

Reunimos aqui histórias, cartas, textos narrativos, memórias afetivas e vozes juvenis que falam de pertencimento, desafios e sonhos. Essas produções nasceram ao longo das oficinas realizadas com estudantes de 12 comunidades — Areal, Barriguda, Boiadeira, Boa Vista e Modelo, Conga, Dique, Encruzo, Lagoinha e Pau de Vela, Mocó, Várzea da Casa —, sendo algumas agrupadas conforme a proximidade geográfica e/ou afinidades socioculturais.

A experiência revela a potência da escola quando se compromete com a realidade dos sujeitos do campo, transformando a Geografia a partir da observação, da escuta e da análise crítica do mundo.

Nesse sentido, o Inventário da Realidade foi concebido como um instrumento pedagógico capaz de potencializar o ensino de Geografia a partir da observação, da escuta e da análise crítica do espaço vivido.

Inspirado na perspectiva da Educação do Campo, este trabalho reconhece que os territórios campestres não são apenas espaços de produção agrícola, mas também territórios de cultura, resistência, identidade e pertencimento. Ao dar voz aos sujeitos do campo, este livreto contribui para o fortalecimento de uma prática educativa mais dialógica, emancipadora e comprometida com a transformação social.

Para que esses objetivos fossem alcançados, adotou-se uma metodologia participativa e reflexiva, fundamentada em práticas pedagógicas que valorizam o protagonismo das/dos estudantes e o diálogo com suas realidades. A seguir, descrevemos os principais passos dessa metodologia, que orientou a construção coletiva do conhecimento ao longo das oficinas realizadas com as/os estudantes.

Este material é mais do que um registro: é um ato de resistência, de memória e de esperança. Que ele possa ecoar nas salas de aula, nas rodas de conversa, nas mãos de gestoras, gestores, educadoras, educadores e estudantes, como um convite a repensar a educação a partir dos territórios e com os pés fincados no chão que se pisa.

Desejamos que esta leitura seja um convite à escuta, à reflexão e ao respeito por essas histórias e por essas comunidades que tanto têm a ensinar.

Com afeto, compromisso e luta,

**Com afeto, compromisso e luta,
Juliana da Silva Correia**

2. CAMINHOS PERCORRIDOS: METODOLOGIA

A metodologia adotada foi centrada na realização de oficinas, com ênfase na participação ativa das/dos estudantes e na construção coletiva do conhecimento. As oficinas foram organizadas em etapas que envolveram escuta, pesquisa, produção textual, análise e criação artística, promovendo um processo educativo participativo e reflexivo.

Escuta: A primeira etapa consistiu em ouvir as histórias e vivências das/dos estudantes e das comunidades. A escuta ativa foi fundamental para que compartilhassem suas experiências e para que se compreendessem as realidades e necessidades do território. Esse momento foi registrado oralmente e por escrito, contribuindo para a construção de um mapeamento das memórias locais e das identidades comunitárias.

Pesquisa: Em seguida, as/os estudantes realizaram uma investigação sobre a história e as características de suas comunidades, explorando conteúdos formativos como processos de transformação territorial, marcos históricos e espaços de convivência e memória. Essa pesquisa adotou uma metodologia participativa, com a coleta de relatos, fotografias e outros elementos que enriqueceram o Inventário da Realidade.

Análise: A análise dos textos e das informações foi realizada de forma coletiva, permitindo um olhar crítico sobre as transformações e desafios das comunidades. As/os estudantes foram estimuladas/os a identificar mudanças, problemáticas e oportunidades, refletindo sobre seus impactos na construção da identidade local.

Criação artística: Por fim, a criação artística possibilitou a expressão criativa das vivências comunitárias. Por meio de ilustrações, fotografias e outras linguagens visuais, as/os estudantes simbolizaram e deram forma às descobertas e relatos da pesquisa.

Importância da participação coletiva e do olhar crítico: Em todas as etapas, a participação coletiva foi essencial para o sucesso do processo. O trabalho em grupo, o diálogo constante e a troca de saberes fortaleceram a aprendizagem e enriqueceram as produções. Além disso, o desenvolvimento do olhar crítico possibilitou que as/os estudantes não apenas registrassem suas memórias, mas também compreendessem e questionassem as dinâmicas sociais e culturais que configuram suas comunidades.

Essa metodologia buscou integrar o conhecimento formal com o saber popular, promovendo uma educação que valoriza a realidade local e estimula a reflexão crítica sobre o território e as condições de vida das comunidades campesinas.

Entre os recursos utilizados, um dos mais potentes para integrar memória, identidade, linguagem visual e análise crítica foi o mapa mental. A seguir, apresentamos a fundamentação teórica e pedagógica dessa estratégia, articulada à proposta da cartografia social, com base nos referenciais da Geografia crítica e da Educação do Campo.



Fonte: Acervo da autora.

2.1. Mapa Mental e Cartografia Social como Estratégia Pedagógica

Entre as estratégias metodológicas utilizadas no desenvolvimento do Inventário da Realidade, os mapas mentais se destacaram como recurso fundamental para favorecer a expressão dos saberes, das memórias e das percepções que as/os estudantes têm de suas comunidades. Mais do que representar o espaço físico, essa atividade buscou revelar os significados atribuídos aos lugares e os vínculos afetivos que compõem a identidade territorial de cada grupo.

De acordo com Buzan (2000), os mapas mentais são ferramentas gráficas que organizam ideias de forma não linear, por meio de palavras, cores e imagens conectadas ao redor de um conceito central. No campo da educação, sua utilização favorece a criatividade, o pensamento associativo e a autonomia cognitiva, permitindo que cada estudante construa e compartilhe sua própria leitura do mundo.

No contexto da Educação do Campo, os mapas mentais assumem um papel ainda mais potente quando articulados com os princípios da cartografia social, que valoriza os saberes populares e a escuta dos sujeitos nos processos de produção de conhecimento. Como afirmam Passos, Kastrup e Escóssia (2012), cartografar é mais do que mapear: é um ato de dar visibilidade a modos de vida, afetos e experiências que muitas vezes permanecem silenciadas pelos mapas oficiais. Ao transformar vivências em imagens, as/os estudantes se apropriam do território como objeto de reflexão crítica, construindo cartografias afetivas que revelam os sentidos, tensões e resistências presentes no espaço vivo.

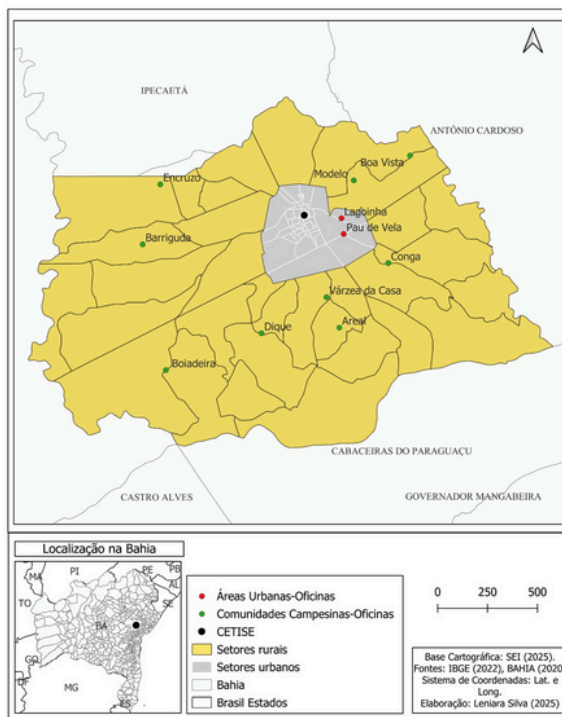
Para a Geografia crítica e emancipadora, essa proposta está em sintonia com a ideia de que o espaço geográfico não é apenas um suporte físico, mas uma construção social, histórica e simbólica, como destacam Santos (1996). Nesse sentido, os mapas mentais funcionam como instrumentos pedagógicos que favorecem a leitura crítica da realidade, aproximando o conteúdo escolar da vida concreta das/dos estudantes do campo.

Ao propor essa atividade, buscou-se romper com a lógica da cartografia tradicional, centrada em representações neutras e universais, para afirmar uma educação situada, dialógica e territorializada, que reconhece as comunidades como espaços vivos de resistência, cultura e produção de saberes.

Assim, os mapas mentais apresentados neste caderno não devem ser compreendidos apenas como ilustrações, mas como narrativas visuais que documentam a forma como os sujeitos percebem, sentem e se relacionam com seus territórios. São mapas que contam histórias — e que convidam a ver com os olhos da memória, da escuta e da transformação.

3. MAPA DE LOCALIZAÇÃO DAS COMUNIDADES PARTICIPANTES INVENTÁRIO DA REALIDADE – CETISE¹

DAS
DO

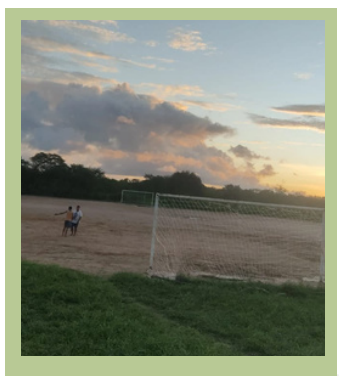


Fontes: BAHIA (2020), IBGE (2022). Elaboração: SILVA, L. (2025)

¹ Apesar de estarem situadas no perímetro urbano, as comunidades de Lagoinha e Pau de Vela foram incluídas no Inventário devido à distância considerável em relação à escola, o que exige das/dos estudantes o uso do transporte público municipal. Além disso, muitos desses estudantes se reconhecem como pertencentes ao campo, mantendo práticas e modos de vida ligados às suas origens e tradições familiares. A comunidade do Mocó, vinculada ao município de Antônio Cardoso-BA, também integrou o processo de Inventário, embora não esteja representada no mapa.

4. COMUNIDADE DO AREAL

4.1. Retratos da Comunidade



Fonte: Acervo da autora.

4.2. Território de Laços, Memórias e Resistência



Fonte: Acervo da autora.

O mapa mental da comunidade do Areal, elaborado pelas/os estudantes, revelou aspectos significativos do cotidiano e da vida social local. Os elementos desenhados — **mercado, praça, campo de futebol e igreja** — refletem espaços fundamentais para a dinâmica comunitária, articulando dimensões econômicas, sociais, culturais e espirituais do território.

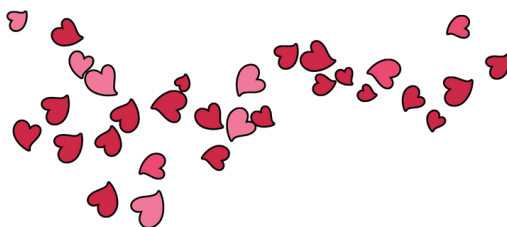
A presença do **mercado** evidencia a importância da economia local, da circulação de bens e da produção voltada para o consumo interno. Nesse espaço ocorrem trocas, encontros e conversas que fortalecem os laços entre as/os moradoras/es. Como destaca Fernandes (2001), o território é mais do que uma delimitação geográfica: ele se constitui a partir das relações sociais, afetivas e de poder que se entrelaçam no cotidiano — e os espaços de trabalho são parte essencial dessa construção.

A **praça** aparece como um espaço simbólico de convivência, lazer e construção de identidade. E nesses locais que as comunidades expressam sua cultura, memória e pertencimento, reafirmando laços intergeracionais. Como nos lembra Santos (1996), o espaço não é apenas um suporte físico, mas o resultado das ações humanas, carregado de intencionalidades e significados. Já Haesbaert (2007) compreende o território como espaço vivido, atravessado por relações de poder e resistência, o que nos ajuda a entender como esses espaços assumem importância central na vida comunitária.

O **campo de futebol**, por sua vez, assim como em muitas comunidades do campo, simboliza o lazer, a juventude e a socialização. Além de promover o bem-estar coletivo, ele reforça os vínculos afetivos e comunitários, sendo um espaço onde o tempo se alonga e as relações se fortalecem.

A **igreja** revela a centralidade da espiritualidade e da organização coletiva. Nas palavras de Freire (1996), os espaços comunitários, como as igrejas, têm potencial educativo quando promovem a escuta, o diálogo e a construção de valores. No Areal, ela cumpre não apenas o papel religioso, mas também o social e cultural, acolhendo e fortalecendo a resistência cotidiana da comunidade. O uso do mapa mental como recurso pedagógico aproxima-se das propostas de cartografia social, pois permite que os sujeitos representem seu território a partir de seus próprios referenciais, como afirmam Passos et al. (2012). Nesse processo, as/os estudantes exercem o protagonismo, constroem saberes e produzem sentidos sobre o lugar onde vivem.

Assim, os elementos destacados no mapa mental da comunidade do Areal revelam uma comunidade viva, conectada por seus espaços de convivência, trabalho, fé e lazer — pilares que sustentam sua identidade e fortalecem suas formas de existir e resistir.



4.3 Palavras que Contam Vidas

Cartas das/dos estudantes

Beatriz Costa da Silva

Edson Bastos Araujo

Emilly Lorrainy Conceição Gomes

Geovana Silva Goncalves

John Cleyton Normandia Almeida

Leila Denise Batista da Conceição

Thayná Sousa Dias



Me dirijo a todas e todos da nossa comunidade com o coração cheio de vontade de ver nosso lugar crescer com mais dignidade, cuidado e respeito.

Ao longo do tempo, temos lutado e pedido por melhorias que possam tornar nosso dia a dia mais digno e feliz. Muitos de nós já expressamos o desejo de ver nossa comunidade com áreas de lazer, onde as famílias possam se encontrar, descansar, brincar e viver momentos juntos. Um espaço assim seria mais do que uma obra — seria um símbolo do nosso merecimento e da nossa união.

Também reivindicamos o reparo e a pavimentação das ruas e estradas que se encontram em situação difícil. Sabemos o quanto isso afeta a locomoção, a segurança e até o acesso a serviços básicos. É uma necessidade antiga, mas que ainda não foi atendida como deveria.

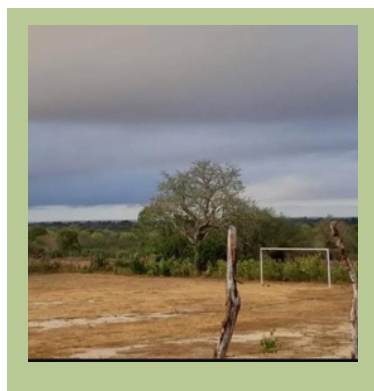
Outro ponto importante é a limpeza e a preservação do meio ambiente. Essa é uma responsabilidade de todos nós, mas também é preciso que o poder público faça sua parte, garantindo apoio e estrutura para manter nosso espaço limpo e bem cuidado.

Essas são sementes que estamos plantando há muito tempo — com voz, com luta, com esperança. E seguimos firmes, acreditando que, com organização, escuta e participação, poderemos colher os frutos de um presente mais justo e de um futuro melhor para todos.

Com esperança e resistência,

5. COMUNIDADE DA BARRIGUDA

5.1. Olhares que Falam



Fonte: Acervo da autora.

5.2. Território Revelado



Fonte: Acervo da autora.

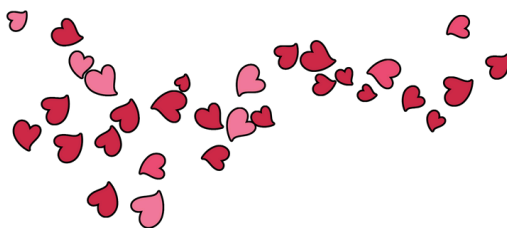
No mapa mental da comunidade da Barriguda, as/os estudantes desenharam os elementos que carregam a alma do lugar. O **meio ambiente** — com suas árvores e rios — revela a importância da natureza na vida de quem ali vive, mostrando a ligação com esse território tão especial. Como aponta Santos (1996), o espaço é sempre carregado de valores, afetos e práticas; é vivido e construído pelas relações sociais. Essa conexão se fortalece pela história local, que deu nome à comunidade a partir de uma árvore barriguda, revelando como a natureza está entrelaçada à identidade do território.

As **tradições** e a **cultura** ganham forma nos símbolos da **igreja** e da **música**, bem como nas memórias dos **conflitos** e da **resistência** que atravessaram gerações. As culturas populares são territórios de resistência e expressão simbólica dos sujeitos. A igreja é representada como um espaço de fé, acolhimento e união, onde os laços comunitários se fortalecem. Já a música e as manifestações culturais revelam a ancestralidade e o pertencimento que sustentam a força e a coragem do povo da Barriguda. Essa trajetória de resistência remete ao que diz Fernandes (2001) sobre o território como espaço de disputa, mas também de construção coletiva e memória viva.

No mapa, aparecem ainda elementos do cotidiano como as **casas** e o **ônibus**, que simbolizam a moradia e a mobilidade, aspectos essenciais para garantir a dignidade e a convivência da comunidade. Esses elementos revelam o quanto o espaço vivido é também espaço de luta por direitos e estrutura, como discute Lefebvre (1999) ao tratar do direito à cidade e à infraestrutura adequada.

Por fim, os **sonhos** e **propostas** desenhados pelas/os estudantes revelam o desejo sincero de ver a Barriguda crescer com respeito, preservando seus valores e raízes. A **lanterna**, símbolo escolhido, funciona como uma metáfora da esperança — iluminando um futuro desejado onde esse lugar continue sendo um lar, com amor, cuidado e proteção.

O mapa mental construído pelas/os estudantes expressa uma Barriguda que honra sua história, respeita a natureza, valoriza as tradições, luta por dignidade e sonha coletivamente. Trata-se, como sugere Huta (2020), de um exercício de cartografia do sensível, onde o território é mais que solo: é vida, memória e projeto de futuro.



5.3. Vozes e Histórias

Cartas das/dos estudantes

Gisele Magalhães Pinto
Thaís Dias Leal
Thiffany Beatriz da Silva Soares



A Árvore que Deu Nome à Nossa Comunidade

Tudo começou com uma árvore muito especial que ficava aqui na nossa terra. Ela tinha um formato que parecia a barriga de uma mulher grávida — tão diferente e marcante que logo todo mundo passou a reconhecer o lugar por causa dela.

Quem morava por aqui começou a chamar essa região de Barriguda, um nome que nasceu dessa árvore única. Com o passar do tempo, outras pessoas chegaram, mas o nome permaneceu, se tornando parte da nossa história e da nossa identidade.

Hoje, chamar esse lugar de Barriguda é lembrar dessa árvore e de tudo o que ela representa para a nossa comunidade: raízes, memórias e um jeito único de ser.

Um Pedido de Geração para Geração

Estamos chegando até vocês através destas palavras, pedindo com carinho que cuidem da Barriguda, nossa morada, que guardem suas histórias, seus cantos, sua alma.

Que a terra que nos criou seja protegida com amor, para que as gerações futuras possam crescer nela com respeito, e construam, com mãos cuidadosas, mercadinhos, lanchonetes, e pontes que convidem a visitar e celebrar esta terra querida.

Que cada pedra, cada árvore, cada sorriso que habita aqui, seja um laço firme entre passado, presente e futuro.

Cuidem da Barriguda, pois ela é nossa herança viva.

Guardiã das Memórias e da Esperança

Querida Dona Bertolina,

É com grande alegria e respeito que lhe escrevo esta carta. A senhora, como a pessoa mais velha da comunidade, carrega em si a memória viva deste lugar. Testemunhou cada passo da sua transformação — viu essa terra crescer, florescer, viu amigos partirem, e continua firme, acompanhando tudo com o olhar atento e o coração cheio de histórias.

Fico imaginando como deve ser essa sensação... ver tanta coisa mudar, tantos rostos chegarem e partirem, tantas lembranças guardadas no peito. Deve ser uma mistura de saudade e gratidão. A senhora tem muito a nos ensinar: suas histórias, suas vivências e o seu jeito de ver o mundo são verdadeiros tesouros para todos nós.

Hoje, a comunidade já não tem tantas plantações como antigamente, e algumas das riquezas de antes também se perderam pelo caminho. Mas uma coisa não mudou: essa continua sendo uma terra boa, feita de gente boa. E se Deus quiser, ainda virão muitos frutos novos, muitas sementes serão plantadas e novas histórias nascerão aqui, nesse chão que tanto amamos.

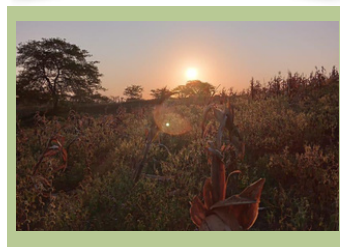
Com carinho e admiração,

6. COMUNIDADE DA BOIADEIRA

6.1. Cenas do Cotidiano



Fonte: Acervo da autora.



Fonte: Acervo da autora.

6.2 Espaços de Vida



Fonte: Acervo da autora.

Durante a construção do mapa mental da comunidade da Boiadeira, as/os estudantes revelaram uma percepção cuidadosa e sensível acerca dos diversos elementos que compõem o território em que vivem. A atividade proporcionou um espaço para que expressassem suas percepções em várias dimensões — naturais, econômicas, sociais e culturais — revelando saberes muitas vezes não reconhecidos no ambiente escolar.

Em relação aos **recursos naturais**, destacaram o **rio**, a **vegetação local**, as **plantas** e **árvores**, evidenciando a importância do meio ambiente no cotidiano da comunidade. Esses elementos não apenas sustentam a biodiversidade, mas também mantêm tradições ligadas à terra e à conservação ambiental. Nessa perspectiva, o espaço não é apenas um suporte físico, mas uma construção social e simbólica, como nos lembra Santos (1996), ao afirmar que o espaço é carregado de valores, práticas e afetos.

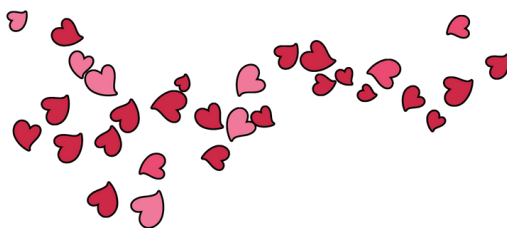
No que diz respeito à **agricultura**, as/os estudantes mencionaram a plantação de **feijão**, **quiabo** e a **criação de gado** — práticas que representam tanto a subsistência quanto a comercialização. Esses dados reafirmam a vitalidade da lógica produtiva camponesa, que, segundo Caldart (2004), sustenta modos de vida baseados na cooperação, no uso comum da terra e na autonomia em relação ao mercado capitalista. A identidade camponesa da comunidade se fortalece na relação com o trabalho da terra, que vai além da produção material, envolvendo o pertencimento, os saberes práticos e o modo de ser e viver do campesinato.

No campo da **infraestrutura**, foram citados a **escola**, a **igreja**, o **posto de saúde**, a **praça** e os **comércios**. Esses elementos indicam um certo grau de organização territorial e acesso a serviços essenciais. Embora não tenha sido detalhada a condição desses equipamentos, a simples presença deles já revela avanços na construção de uma comunidade mais estruturada e com algum grau de direito ao território, conforme problematizado por Lefebvre (1999) ao discutir o direito à cidade e aos serviços urbanos básicos.

O campo da **cultura** foi ricamente representado, com referências à **feira junina**, à **feira do padroeiro**, à **missa com os vaqueiros**, às **cavalgadas** e às **corridas de cavalos**. Essas manifestações culturais demonstram a força das tradições e da coletividade, revelando como a cultura popular é um elo fundamental de pertencimento, resistência e celebração da identidade camponesa.

Essa forma de viver e sentir o território se aproxima do que propõe Tuan (1980), que entende o território não apenas como um espaço físico, mas como um lugar carregado de emoções, memórias e significados construídos pelas pessoas que o habitam. Essa ideia também dialoga com Santos (1996), que define o território como um espaço vivido, marcado por relações sociais, culturais e políticas — um espaço que, quando representado pelas próprias pessoas, se transforma em expressão de resistência e construção coletiva de sentidos.

A comunidade da Boiadeira, portanto, apresenta uma identidade única, construída pela articulação entre natureza, trabalho, fé e cultura, compondo um modo de vida camponês que se mantém resistente e se reinventa diante das transformações contemporâneas. Trata-se de um território que, conforme Haesbaert (2007), não pode ser compreendido apenas por sua dimensão geográfica, mas como uma construção sociopolítica, marcada por conflitos, memórias e formas coletivas de organização.



6.3. Cartas da Terra

Cartas das/dos estudantes

Aline Conceição Morais
Carollayne Jesus Nascimento
Lívia dos Anjos Almeida
Rikelmi da Conceição Soza
Tamires Moura Souza



Os primeiros moradores eram conhecidos por saber lidar com o gado, principalmente com os bois, que tinham um papel importante na agricultura local. Foi daí que surgiu o nome “Boiadeira”, como forma de homenagear essa tradição tão forte e presente. Com o passar dos anos, a comunidade foi crescendo e unindo famílias que traziam consigo histórias de luta, resistência e esperança.

As festas no povoado Boiadeira são cheias de alegria e tradição. Há danças folclóricas, celebrações das colheitas, cavalgadas, encontros religiosos, corridas de cavalo e os animados festejos de São João. Cada evento é um momento especial, que além de manter viva a cultura local, fortalece os laços entre os moradores.

O povoado Boiadeira é mais do que um lugar — é símbolo de resistência, união e amor pela terra. Seus moradores seguem firmes, escrevendo sua história todos os dias, mantendo vivas as tradições e olhando para o futuro com esperança no coração.

Uma história construída com fé, união e esperança

Dizem que toda comunidade tem a sua história — e a da Boiadeira começou de forma bem simples, como tantas outras espalhadas pelo interior do país. No início, o que existia ali era um pequeno comércio, com algumas vendas e bares. Era onde tudo acontecia. Os moradores — e até os viajantes que passavam pela estrada — paravam para tomar um café, conversar um pouco, saber das novidades. Entre uma prosa e outra, as amizades iam se formando, e, sem que ninguém percebesse, aquele lugarzinho começava a criar raízes.

O tempo foi passando, e com ele veio a preocupação com o futuro das crianças. Foi então que surgiu a ideia de construir uma escola — simples, mas cheia de significado. Ela foi erguida bem à beira da estrada e ficou conhecida por todos como o “prédio”. Era ali que os pequenos aprendiam a ler, a escrever e a sonhar com um mundo maior. Aquele prédio era mais do que uma escola — era um sinal de que a Boiadeira estava crescendo.

Logo em seguida, veio o desejo de ter um espaço de fé. E assim, com a ajuda de todos, foi construída a Capela do Imaculado Coração de Maria. Tinha missa, festa do padroeiro, reza. A capela se tornou o coração da comunidade: um lugar de encontro, de esperança, de partilha.

Com o tempo, surgiu também a praça — um cantinho feito com carinho, com bancos, árvores e espaço para a criançada correr. Nos fins de tarde, as famílias se reuniam por lá. Era conversa boa, risada solta, namoro escondido e muitas histórias sendo vividas e contadas. A praça virou o centro da convivência, o cenário das melhores memórias.

E, por fim, veio o calçamento. A velha estrada de terra — que levantava poeira no calor e virava lama nas chuvas — deu lugar às ruas de pedra. Foi um verdadeiro marco. O calçamento trouxe dignidade, valorização e muito orgulho para quem sempre acreditou naquele lugar.

Hoje, quem passa pela Boiadeira talvez nem imagine como tudo começou. Mas quem vive ali sabe: cada pedra, cada parede, cada árvore da praça carrega um pedaço da história de um povo que, com muito esforço, união e carinho, transformou um ponto na estrada em um verdadeiro lar.

Homenagem à Dona Dele

Hoje, nossas palavras nascem do coração apertado pela saudade, mas também cheio de gratidão e alegria por tudo o que a senhora representou para nós.

Dona Dele, a sua presença marcou a história da nossa comunidade. Sabemos que a senhora já não está mais entre nós fisicamente, mas sua força, sua fé e seu carinho seguem vivos em cada canto da Boiadeira — especialmente na nossa querida igreja, aquela que a senhora tanto sonhou ver reformada.

Hoje, a igreja está linda: acolhedora, cheia de vida e de fé. Cada tijolo, cada detalhe, carrega um pouco do seu sonho, da sua fé e da sua dedicação. Não há quem entre ali sem lembrar do seu sorriso doce e das palavras de esperança que sempre tinha para oferecer.

A senhora foi — e sempre será — um exemplo de fé, de bondade e de amor ao próximo. Seu legado ecoa em nossos corações e em nossas orações. E agora, cada prece feita naquela capela será também uma homenagem à sua memória. Obrigada por tudo, Dona Dele.

A igreja está de pé, reformada e cheia da sua luz. Seu amor pela comunidade floresceu — e continua florescendo em cada gesto de fé e união.

Com carinho e saudade,
A Comunidade da Boiadeira

Onde Moram as Nossas Raízes

Pensando em tudo que construímos ao longo dos anos, temos orgulho em dizer que fizemos da nossa comunidade um lugar cheio de histórias, saberes e tradições. Cada festa realizada, cada ritual mantido com carinho e cada costume passado de geração em geração são mais do que simples tradições — são partes vivas da nossa identidade.

É através dessas práticas que fortalecemos nossos laços familiares e comunitários, lembrando sempre de quem somos e de onde viemos. São momentos que nos unem, que nos emocionam e que fazem ecoar a voz dos nossos antepassados em cada canto da Boiadeira.

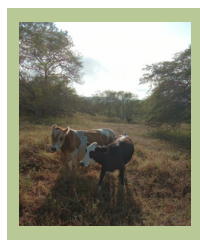
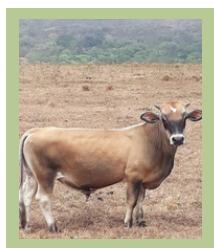
Desejamos, do fundo do coração, que continuemos a celebrar nossas tradições com o mesmo amor, alegria e dedicação que aqueles que vieram antes de nós tiveram. Que cada criança da Boiadeira cresça conhecendo, respeitando e valorizando o legado deixado por seus pais, avós e bisavós.

Manter vivas essas memórias é também sonhar com um futuro mais forte, mais bonito e mais nosso.

Com carinho,

7. COMUNIDADE DE BOA VISTA E MODELO

7.1. Imagens da vida no campo



Fonte: Acervo da autora.

7.2. Traços do Território



Fonte: Acervo da autora.

O mapa mental construído pelas/os estudantes das comunidades de Boa Vista e Modelo revelou muito mais do que simples colagens sobre o papel. Ele expressa um olhar atento, afetuoso e coletivo sobre o território vivido, costurando memórias, relações e sentidos que atravessam o cotidiano de quem ali habita. Essa prática dialoga com a proposta da cartografia social, que, segundo Passos et al. (2012), permite que os sujeitos representem seus territórios a partir de seus próprios referenciais, promovendo o protagonismo e a produção de sentidos sobre o lugar.

Dentre os elementos destacados, a **estrada** que liga as duas comunidades foi representada como um elo entre famílias, histórias e vivências. Por ela circulam afetos, encontros e partilhas. Mais do que um caminho físico, essa estrada simboliza a conexão entre modos de vida, reafirmando a ideia de território como espaço de relações, conforme propõe Haesbaert (2007).

O **campo de futebol** e o time da comunidade surgem como expressões do lazer, da alegria e do pertencimento. São espaços onde a juventude se reconhece, torce, sonha e vibra junto. A bola rolando é mais que jogo: é encontro, é identidade, evocando o que Santos (1996) chama de espacialidades afetivas, que tornam o lugar significativo pela vivência e experiência compartilhada.

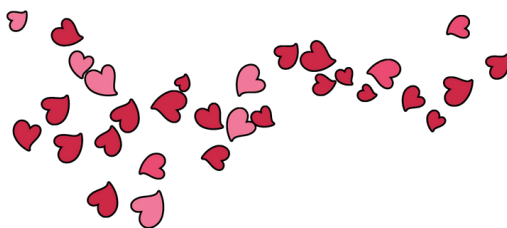
A **Associação dos Trabalhadores** e as reuniões comunitárias ocupam lugar central na memória desenhada, reafirmando o valor da organização coletiva, da escuta e da luta partilhada. Esses espaços de encontro reforçam a autonomia e a esperança — aspectos fundamentais do que Kolling, Cerioli e Caldart (2002) definem como territórios educativos, onde se constrói a ação política e o exercício da cidadania no campo.

A **escola municipal**, desenhada com carinho, aparece como lugar de saber, troca e convivência. É nela que germinam ideias e se projetam futuros. Como afirma Freire (1982), é no ato de ler o mundo que se forma o sujeito crítico. A escola, nesse contexto, torna-se espaço formativo, onde se valoriza a terra e a história local.

A figura do agricultor — ou como dizem, o **trabalhador do campo** — também ganhou destaque. Ele representa a força do trabalho, o amor à terra e o sustento da vida. E quem planta, colhe e alimenta — tanto o corpo quanto a cultura da comunidade —, evidenciando a centralidade do trabalho na construção da identidade camponesa, conforme destacam Molina e Jesus (2004).

Por fim, a **paisagem natural** — com suas árvores, rios, serras e ventos — foi lembrada como parte viva e essencial do território. Ela acolhe, inspira e compõe a beleza de um lugar onde se vive em relação com a natureza, em consonância com a concepção de espaço vivido de Santos (1996).

Esse mapa revela a beleza do que é visto com o coração. Nele, cada detalhe traduz o vínculo das/dos estudantes com o lugar onde vivem. Mais do que uma representação espacial, trata-se de uma cartografia afetiva, que nos convida a olhar o campo com mais escuta, cuidado e encantamento.



7.3. Cartas que Contam História

Cartas das/dos estudantes

Angelina dos Santos Bispo

Elielson Reis de Oliveira

Iago Vilela Conceição

João Gabriel Aragão Silva

João Pedro da Conceição Machado Soares

Luana Conceição de Jesus

Wendrio da Silva Santana



Segundo o senhor Valdemiro, antigo morador da comunidade Modelo, o surgimento deste povoado se deu devido à construção das represas na Pedra do Cavalo, interligadas ao rio Paraguaçu, com o objetivo de abastecer a cidade de Santo Estêvão e a região. Com isso, o povoado que já existia teve que mudar sua localização, situando-se no centro e tendo como comunidades vizinhas Campo Alegre, Mundel, Serrinha, entre outras.

O senhor Valdemiro também relata que, inicialmente, o local era conhecido como Fazenda de Chico do Açúcar. Após uma longa luta, com parcerias importantes como o Sindicato dos Trabalhadores e a Prefeitura, foi concretizada a migração do antigo povoado para o atual, além da mudança de nome para "Modelo", sugestão de um dos moradores veteranos.

A comunidade começou a gerar renda algum tempo depois de sua consolidação, e com isso, inovações começaram a ser implementadas. A chegada do Posto Médico Dalva de Oliveira Cardoso trouxe à comunidade o direito aos serviços básicos de saúde. Também foi criada a Associação dos Trabalhadores Rurais, oferecendo grande apoio aos agricultores locais e pequenos trabalhadores rurais da região.

Em 1985, a comunidade Modelo passou por uma grande transformação, com a expansão do território, a chegada da primeira escola municipal, a criação de áreas de esporte e lazer, e a melhoria na iluminação, que antes era escassa ou quase inexistente. Houve também um grande crescimento populacional, que antes era composto por apenas 67 famílias. Com isso, a comunidade passou a se aliar às vizinhas para garantir os direitos à educação, saúde, esporte e lazer, facilitando o compartilhamento desses serviços essenciais.

Atualmente, a comunidade apresenta uma grande evolução populacional, o que impacta positivamente o meio agrícola. São aproximadamente 40 anos de atuação na produção no campo, tanto para comercialização quanto para consumo pessoal.

As alianças construídas com outras comunidades ao longo do tempo não foram desfeitas, e ainda há parcerias para o plantio de terras e o compartilhamento de serviços públicos.

Memórias, Caminhos e Encantamentos de um Povoado Vivo

Escrevemos esta carta com o intuito de compartilhar e relatar histórias e aspectos atuais da comunidade.

Sabemos que a formação deste povoado não foi um processo rápido nem fácil, sendo marcada por desafios, como a migração da população por necessidade e a adaptação à nova comunidade, que recebeu um novo nome — Modelo —, carregado de significado, representando uma referência, um novo modo de viver, mais próspero e com potencial de crescimento.

Entre as evoluções, podemos destacar a melhoria das estradas e do saneamento básico. É muito gratificante perceber que, antes, esses recursos não estavam disponíveis, e hoje são presença constante na região. A paz e a harmonia do lugar continuam proporcionando momentos de tranquilidade, conversas descontraídas e um contato genuíno com a natureza.

Um café, uma boa prosa, a hospitalidade — tudo por aqui é contagiante. A pureza do ar, a brisa dos ventos e o orvalho que molha os pés ao amanhecer tornam esse cenário ainda mais encantador. O contato direto com o campo, os animais, o plantio e a colheita sempre foram marcas fortes da comunidade Modelo. A chegada da iluminação trouxe o conforto de estar na pracinha, prosear até mais tarde e manter viva a prática do futebol no campo local.

A primeira escola construída na região, hoje, também se tornou um ponto de visitação, em razão da bela paisagem que a cerca. A construção da primeira quadra esportiva foi outro avanço significativo, contribuindo para o lazer e a convivência entre os moradores.

Finalizamos esta carta ressaltando a leveza e a beleza que a comunidade Modelo nos oferece — seus campos, suas paisagens, sua produção e, acima de tudo, a força e o acolhimento de seu povo, que tornam esse lugar único e especial.

Presente de Afeto e Caminhos de Esperança

O presente — esses tempos que vivemos na comunidade — tem nos brindado com riquezas e belezas exuberantes. A alegria que pulsa em cada gesto, e sobretudo a reciprocidade que nos une, preenchem nossos corações com experiências incríveis e vivências maravilhosas. É uma trajetória marcada por vitórias, conquistas e crescimentos significativos.

Hoje, enfrentamos um tempo de evolução e melhorias, para que a comunidade Modelo siga sendo um farol de referência, fonte de conhecimento, sabedoria e prosperidade. Nossa querida comunidade se expande — a agricultura floresce, a criação de animais se fortalece, e a população cresce com esperança.

Novas construções surgem, casas que brotam com vida, diferentes modelos de chácaras se desenharam no horizonte, espaços agradáveis que guardam piscinas, natureza e vistas admiráveis, oferecendo lazer, diversão e acolhimento às famílias e visitantes.

Mas, mesmo com toda essa beleza, convivemos ainda com desafios antigos: a falta de segurança, a escassez de serviços públicos, o descaso que insiste em nos rondar. Vivemos tempos de contrastes, onde esperança e dificuldades caminham lado a lado.

E, apesar disso, a beleza permanece viva — as crianças brincam na porta de casa, os vizinhos se reúnem para prostrar e tomar um cafézinho à tarde, e os jovens jogadores de futebol sonham alto, buscando conquistar seus objetivos e construir um futuro promissor.

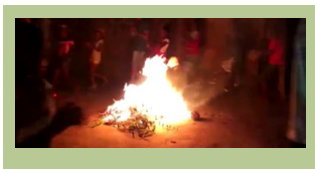
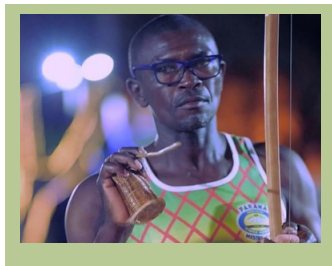
Que este seja um retrato sincero de toda a hospitalidade que a comunidade Modelo oferece. Esta carta reflete um presente repleto de amor e compaixão e, acima de tudo, é uma lembrança de que, mesmo em meio às dificuldades, seguimos como uma comunidade unida, caminhando juntos para fazer a diferença.

8. COMUNIDADE DA CONGA

8.1. Momentos da Comunidade

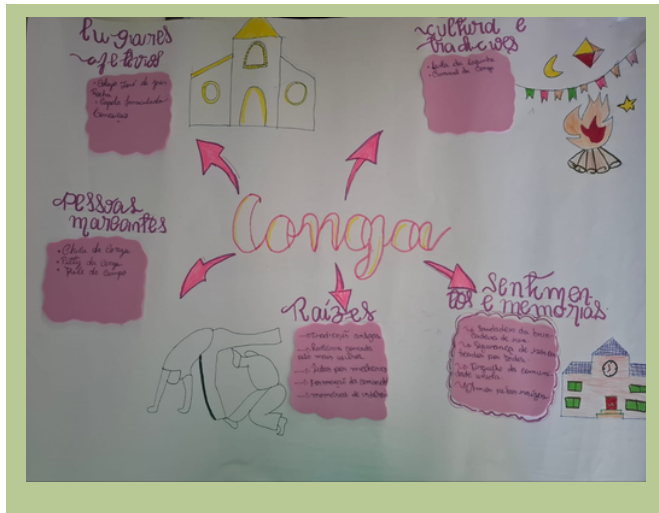


Fonte: Acervo da autora.



Fonte: Acervo da autora.

8.2 Mapa das Raízes



Fonte: Acervo da autora.

O mapa mental desenvolvido pelas/os estudantes da comunidade da Conga revela uma rede de memórias, afetos, tradições e figuras marcantes que constituem a identidade local, demonstrando como os territórios são vividos e significados a partir das experiências cotidianas. Como afirma Santos (2013), o espaço não é apenas o suporte físico das ações, mas um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações — um espaço vivo, carregado de sentidos.

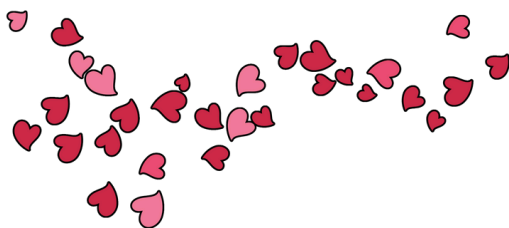
Lugares Afetivos: Entre os locais mais importantes para as/os moradoras/es da Conga, destacam-se o **Colégio José de Jesus Rocha** e a **Capela Imaculada Conceição**. O colégio é lembrado como um espaço de aprendizado e convivência, onde o sonho de um futuro melhor é cultivado. Já a capela é vista como o centro da fé, das celebrações religiosas e da união comunitária, sendo um lugar de encontro que fortalece os laços espirituais e culturais. Esses espaços revelam o que Lefebvre (1999) define como direito à apropriação do espaço, no qual as pessoas atribuem sentidos próprios aos lugares onde vivem, tornando-os parte fundamental de sua existência.

Cultura e Tradições: A **Festa da Lapinha** e o **Carnaval da Conga** são eventos que marcam o calendário da comunidade e vão além de simples celebrações. Esses momentos representam processos de resistência cultural, preservação de rituais e expressões que perpetuam os valores da comunidade para as próximas gerações. Como destacam Caldart, Molina e Jesus (2004), a cultura do campo é dinâmica, diversa e carregada de sentidos, sendo elemento central na constituição dos territórios educativos. A memória coletiva da Conga é alimentada pela música, pelas danças e pelos costumes que atravessam essas festividades, reforçando o sentimento de pertencimento e continuidade cultural.

Pessoas Marcantes: Ao mencionar figuras como **Chica da Conga**, **Pitty da Conga** e **Pelé do Campo**, o mapa mental destaca a importância da oralidade e da história viva. Essas pessoas são símbolos de força e resistência, representando sujeitos que contribuíram para a formação do cotidiano da comunidade com suas ações e histórias de vida. Valorizar essas figuras é reconhecer o papel das pessoas mais velhas como guardiões das memórias e do saber popular. Como afirmam Carvalho e Ferreira (2020), os sujeitos do campo carregam consigo um saber construído em suas práticas de vida e trabalho, sendo essenciais para a construção de uma pedagogia enraizada na realidade.

Raízes Históricas e Lutas: As raízes apontadas pelas/os estudantes no mapa mental não se limitam às histórias de infância e às tradições, mas também refletem as lutas por melhorias nas condições de vida da comunidade. Esses relatos enfatizam a construção da identidade, o enfrentamento das adversidades e o valor da união coletiva na busca por um futuro melhor. Como afirmam Molina e Sá (2012) a história das comunidades camponesas é também a história da luta por direitos, da resistência cotidiana e da construção de alternativas a partir da força coletiva.

O mapa mental da Conga vai além de uma simples representação espacial: é, na verdade, um inventário afetivo e histórico da comunidade, reforçando a importância de valorizar os saberes locais, os sujeitos que constroem sua história com luta, afeto e resiliência, e a centralidade da educação como meio para potencializar essas memórias e repassá-las às novas gerações. Trata-se de uma prática que, conforme Freire (1982), permite a leitura do mundo antes da leitura da palavra, conectando os aprendizados escolares à vida concreta dos sujeitos.



8.3. Vozes em Papel

Cartas das/dos estudantes

Gabriela Rodrigues Sousa
Jakeline da Silva Santos
Maria Clara Cerqueira de Santana
Ranyelly dos Santos Fernandes



“A minha comunidade é muito mais do que um lugar onde moro — ela é parte da minha identidade, das minhas memórias e da minha trajetória.”

A nossa comunidade não vem de hoje — é o contrário: tem mais de 100 anos! Cada rua, cada vizinho, cada canto tem uma história que se entrelaça com a minha. Neste texto, quero contar um pouco sobre a história da nossa comunidade, marcada por luta, união e afetos.

A comunidade Conga nasceu da força e da coragem de pessoas simples, que vieram em busca de um futuro melhor. Muitos moradores antigos ajudaram a construir tudo com as próprias mãos: casas, calçadas, escolas e igrejas. O tempo passou, e, mesmo com dificuldades, nunca faltou solidariedade.

As festas tradicionais, como o São João, sempre reuniram todos em clima de alegria e partilha. A escola virou ponto de encontro de sonhos. O campo, palco das brincadeiras de infância. Há também as histórias contadas pelos mais velhos, que mantêm vivas as raízes da nossa cultura. Cada morador carrega um pedaço dessa história viva, que passa de geração em geração.

A história da minha comunidade é feita de memórias, resistência e amor. Aqui, aprendemos a valorizar o que temos, a cuidar uns dos outros e a preservar nossas tradições. Mesmo com os desafios, seguimos juntos, orgulhosos de nossas raízes.

Essa é a nossa Conga.

Chica da Conga: Guardiã da Leitura e da Tradição

Querida Chica da Conga,

Escrevo essa carta com o coração cheio de gratidão, carinho e admiração. A senhora é, sem dúvida, uma das raízes mais fortes da nossa comunidade! Sua história se entrelaça com a nossa como os versos de um cordel: simples, bela e cheia de sabedoria.

O seu cantinho de leitura é muito mais que um espaço com livros, é um abrigo de sonhos, um lugar de ideias para as gerações de crianças e adultos. A senhora ensinou a muitos que ler também é uma forma de resistir, de crescer e de se orgulhar das nossas raízes.

Nas festas de São João, sua alegria é a chama que acende a união do nosso povo. A cada comida feita com carinho, a cada verso rimado nos seus cordéis, a cada palavra que nos lembra que juntos somos mais fortes, a senhora mantém viva a chama da nossa cultura.

A senhora nos inspira. Não apenas pela força e dedicação, mas pelo amor que coloca em tudo o que faz. A Conga é o que é hoje porque tem pessoas como a senhora: firme, generosa, criativa e com um coração do tamanho do mundo.

Que sua voz continue ecoando pelos becos e ruas da nossa comunidade, como um cordel eterno que nunca se apaga.

Com todo carinho e respeito,
A comunidade da Conga

“Enquanto Houver Amor, a Conga Viverá”

Hoje escrevo não com as mãos, mas com o coração pulsando junto com a nossa comunidade! Vivemos num campo que nos exige força, união e, acima de tudo, memória. As raízes carregam histórias de luta e resistência. O chão da Conga não é apenas terra — é raiz, é tempo, é cultura viva.

Estamos aqui agora, vivendo uma fase de mudanças, mas também de descobertas. A tecnologia chegou, os tempos mudaram, mas nosso coração ainda bate forte pelo São João, pelo cheiro da comida, pela festa em mutirão, pelo cordel de Chica, pelo nosso cantinho da leitura e, além disso, pela nossa capoeira.

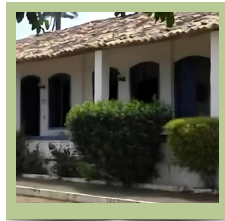
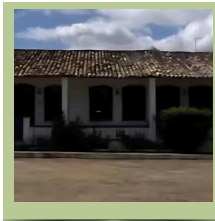
Ainda vemos aqui crianças brincando no barro. Ainda escutamos os mais velhos nos ensinando com o olhar. Ser Conga hoje é resistir com arte, com fé, com a lembrança do passado e o sonho do futuro. É transformar a dor em dança, a escassez em partilha, o silêncio em voz coletiva. Não somos apenas moradores — somos sementes plantadas em chão fértil de histórias.

E que essa carta, que também é um abraço, alcance todos que esqueceram de olhar para onde passaram. Que o presente seja um chamado à lembrança, porque, enquanto houver alguém que ama sua terra, a Conga continuará viva.

Com amor, coragem e esperança,

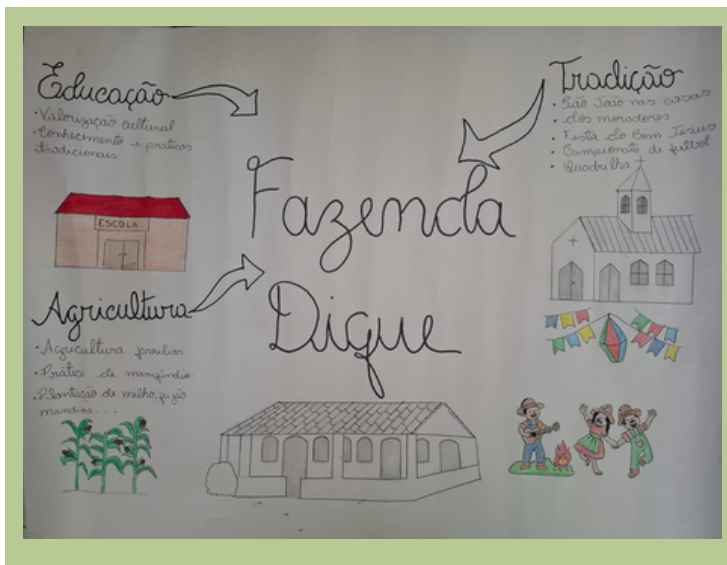
9. COMUNIDADE DO DIQUE

9.1. Olhares sobre o Dique



Fonte: Acervo da autora.

9.2. Mapeando Nosso Espaço



Fonte: Acervo da autora.

O mapa mental construído pelas/os estudantes da comunidade do Dique é mais do que um simples desenho — é um retrato afetivo e simbólico do território vivido, carregado de memórias, significados e pertencimento. Cada traço e palavra revela o quanto esses jovens conhecem, sentem e constroem o lugar onde vivem. Tal experiência se aproxima das proposições de Prado Filho e Teti (2013), ao afirmarem que o uso do mapa mental, como recurso vinculado à cartografia social, possibilita que os sujeitos representem o território a partir dos seus próprios referenciais, exercendo o protagonismo e atribuindo sentidos à sua realidade.

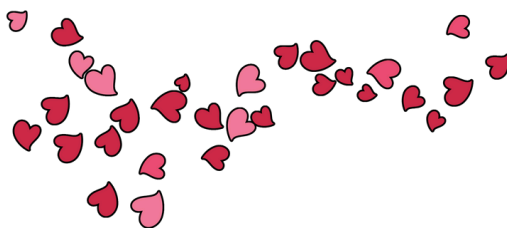
A **escola**, por exemplo, foi lembrada com carinho, não apenas como espaço de aprendizado formal, mas como lugar de valorização das culturas locais e dos saberes passados de geração em geração. Essa valorização da escola como parte da vida comunitária remete à concepção freiriana de educação, que, segundo Freire (1982), deve estar comprometida com a leitura crítica do mundo e com a formação de sujeitos históricos em diálogo com sua realidade concreta.

No mapa, a **agricultura familiar** aparece em destaque: milho, feijão, mandioca e a prática do minifúndio foram lembrados como parte essencial do cotidiano da comunidade. Esse reconhecimento revela uma compreensão ampliada do trabalho na roça, visto não apenas como fonte de sustento, mas como expressão cultural e modo de vida. Conforme Origuéla e Pereira (2022), o território camponês é resultado da construção histórica de relações sociais, políticas e culturais que envolvem o uso e o sentido da terra, marcando identidades e formas de resistência.

A história da comunidade também foi resgatada, como no caso da antiga **fazenda** que deu nome ao **Dique**. Esse movimento de recuperar a memória local reforça a importância de compreender o passado como forma de fortalecer o presente, tal como defendem Molina e Jesus (2004), ao afirmar que a história das comunidades camponesas é também a história da luta por direitos, da resistência cotidiana e da construção de alternativas com base na força coletiva.

As **festas populares** também foram lembradas com entusiasmo: o São João nas casas, a Festa do Bom Jesus, os campeonatos de futebol e as quadrilhas são práticas que mantêm vivas as expressões culturais e o sentimento de comunidade. São momentos de encontro, reconhecimento e celebração da identidade coletiva. Segundo Molina e Sá (2012), é fundamental que a Escola do Campo valorize essas expressões culturais como saberes e práticas que compõem o currículo da vida e da luta camponesa.

O que as/os estudantes nos mostram com esse mapa é que possuem um olhar atento, crítico e carregado de afeto sobre sua comunidade. Demonstram conhecer, valorizar e desejar cuidar da terra onde nasceram. Nesse sentido, o mapeamento participativo revela-se como uma potente ferramenta pedagógica, capaz de promover uma Educação do Campo que esteja enraizada na realidade, que dialogue com os saberes do território e que fomente a construção de sujeitos conscientes de sua história, cultura e potencial transformador (Caldart, 2012).



9.3. Cartas da Nossa Gente

Cartas das/dos estudantes

Alana Gabrielle da Silva

Nicolly Santana Bento

Railane da Conceição Oliveira Santos



Terra de memórias, raízes e renascimentos

No coração do tempo, em 1860, quando Santo Estêvão ainda se chamava vila de Santo Estêvão do Jacuípe, nascia a Fazenda do Dique — um lugar que viria a ser símbolo de força, trabalho e tradição. Seus primeiros passos foram dados sob o comando de Lucas Rocha Passos, senhor de escravos, tendo pertencido anteriormente à família de Joaquim Pedreira. Em seus campos férteis, o fumo brotava forte, fazendo da fazenda uma das mais importantes da região, impulsionando a economia e o desenvolvimento da vila.

O nome "Dique" vem das águas de um riacho que corria ali por perto, alimentando vidas e sonhos. Com o tempo, o riacho secou, mas o nome ficou, como um eco da natureza que um dia correu livre por entre aquelas terras.

Os anos passaram e a Fazenda do Dique mudou de mãos, mas não perdeu suas raízes. Hoje, está sob os cuidados da família Oliveira, que preserva com zelo sua história e seu espaço. A comunidade, que antes se firmava no cultivo do fumo, encontrou novos caminhos na agricultura, fonte principal da vida que pulsa no presente.

Com o tempo, surgiram novas expressões de fé e esperança. A antiga capela ganhou a companhia de uma igreja evangélica, e entre estradas de terra e sonhos plantados, nasceu um mercadinho, um projeto de preservação do meio ambiente e tantas outras pequenas conquistas que transformam o cotidiano em resistência e beleza.

Dique é mais do que uma terra. É memória viva, é chão que guarda passos antigos e acolhe os novos. É o passado que se transforma em presente, é comunidade que floresce com o tempo, guardando nas mãos calejadas e nos olhos brilhantes o orgulho de ser quem é.

Raiz Viva da Nossa Comunidade

É com muito amor, carinho e respeito que escrevemos esta carta para a senhora, Dona Joaquina.

Queremos expressar o quanto admiramos sua presença tão marcante e a contribuição que oferece todos os dias para a nossa comunidade. Sua experiência e sabedoria são verdadeiros tesouros, reconhecidos e respeitados por todos.

Seu exemplo é uma grande inspiração para nós. Saber que podemos contar com sua história, sua força e seu jeito de ensinar — com as palavras e, sobretudo, com as atitudes — é algo que levamos no coração.

É uma honra escutar a senhora falar sobre as tradições, o modo de viver e o cuidado com o outro. Tudo isso nos ensina muito e nos fortalece como povo.

Somos imensamente gratos por tudo o que a senhora já fez e continua fazendo. Obrigado por ser raiz firme da nossa comunidade.

Com todo o carinho,
Jovens da comunidade

Quando a Comunidade Sonha Junto, o Caminho Floresce

Escrevo esta carta com carinho para dizer o quanto é bonito ver a nossa comunidade evoluindo, se transformando e aprendendo em conjunto. A cada passo, estamos construindo um ambiente mais acolhedor, unido e cheio de novas ideias.

Sabemos o quanto o caminho foi difícil. Mas também sabemos que é justamente nos desafios que mostramos nossa força. Cada pessoa contribuiu do seu jeito, e isso fez toda a diferença para que todos pudessem crescer juntos.

Que a gente siga assim: caminhando lado a lado, superando os obstáculos e acreditando em nossos sonhos. Que venham novos desafios, porque agora sabemos que juntos, podemos ir ainda mais longe.

10. COMUNIDADE DO ENCRUZO

10.1. Retratos do Encruzo



Fonte: Acervo da autora.

10.2. Nosso Encruzo no Mapa



Fonte: Acervo da autora.

Ao desenhar o mapa mental da comunidade do Encruzo, as/os estudantes deram vida a um verdadeiro retrato afetivo do território. Nele, surgem elementos que revelam o modo de vida de quem ali reside, articulando aspectos econômicos, culturais, sociais e ambientais que formam a alma do lugar. Essa prática remete ao que Scherer e Grisci (2012) defendem sobre o uso da cartografia como método de pesquisa-intervenção: ela possibilita que os sujeitos expressem seus saberes e vivências a partir de uma leitura própria do território, atribuindo sentidos singulares às experiências cotidianas.

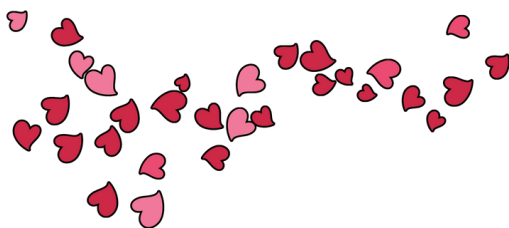
Entre os destaques, encontra-se a tradicional **feira de São João**, celebrada com entusiasmo e alegria por toda a comunidade. Muito mais que um evento festivo, o São João é uma memória viva — como apontam Calvente, Moura e Antonello (2003), as manifestações culturais populares revelam saberes coletivos construídos historicamente e transmitidos oralmente, constituindo-se em espaços pedagógicos de resistência e identidade. No Encruzo, dançar quadrilha, preparar comidas típicas e reunir-se em torno da fogueira são formas de reacender os vínculos intergeracionais e fortalecer o sentimento de pertencimento.

No aspecto econômico, os **comércios locais**, como o mercado e a panificadora, aparecem no mapa como mais do que simples pontos de abastecimento. Eles são espaços de convivência, de conversa e de fortalecimento dos laços comunitários. Essa dimensão relacional do espaço reforça a ideia de Santos (1996), ao afirmar que o espaço é também um sistema de objetos e de ações — um lugar onde a vida se organiza e se reinventa todos os dias.

A **paisagem natural** também ganhou destaque, revelando o carinho e o respeito que os moradores têm pelo ambiente em que vivem. Árvores, céu e áreas verdes não são apenas elementos visuais, mas constituem o cenário identitário que acolhe a comunidade e que, como observam Origuéla e Pereira (2022), compõem o território camponês como espaço de vida, produção e afeto.

A **igreja**, por sua vez, também foi lembrada no mapa como um símbolo de união e espiritualidade. Mais do que um templo religioso, ela se configura como espaço de fortalecimento dos valores coletivos, da solidariedade e da fé partilhada. Como aponta Caldart (2012), na Educação do Campo é essencial reconhecer os espaços simbólicos e culturais das comunidades como parte do processo educativo, pois é neles que se constroem sentidos de pertencimento e resistência.

O mapa construído pelas/os estudantes não é apenas um desenho ilustrativo, mas uma cartografia afetiva da vida cotidiana — um espelho das memórias, das relações e dos sonhos que percorrem, todos os dias, as estradas do Encruzo. Trata-se de um exercício de leitura do mundo (Freire, 1982), em que os sujeitos se reconhecem, narram suas histórias e reafirmam sua presença viva no território.



10.3. Vozes que Escrevem

Cartas das/dos estudantes

Ana Vitória Ramos Conceição Silva

Beatriz Costa da Silva

Gabrielly Cardeal do Nascimento

Matheus Henrique Conceição Sacramento

Odilon da Silva Dias



Em 1979, um jovem chamado Aplígio procurava um terreno para morar, pois seu casamento se aproximava. Ele então pediu ao seu José, que lhe cedesse um pedaço de terra em sua propriedade. Como seu José não costumava utilizar aquela área, concordou com o pedido.

Aplígio construiu uma casa e, com o tempo, também uma mercearia. O pequeno movimento gerado por esse comércio começou a atrair outras pessoas para a região. Aos poucos, surgiram novas casas, bares e outras mercearias.

Esse crescimento marcou o início da formação da comunidade. Com o passar dos anos, foi construída a primeira igreja evangélica do lugar, fortalecendo o sentimento de pertencimento e união entre os moradores. Logo depois, foi inaugurada a Praça do Encruzo, que se tornou um ponto de encontro importante, favorecendo ainda mais a convivência e a aproximação entre as pessoas da área.

A comunidade crescia rapidamente, se estruturando cada vez mais. Cerca de nove ou dez anos atrás, foi erguida a primeira igreja católica da região. Desde então, o local se transformou em palco para festas religiosas, como a celebração do padroeiro São Jorge, além de outros festejos tradicionais da fé católica. O nome da comunidade tem origem na encruzilhada onde tudo começou — um símbolo do encontro de caminhos e de histórias que formam a identidade do lugar.

Gratidão e Memória

Ao relembarmos a história da nossa comunidade, é impossível não reconhecer a importância do senhor Apligio na formação do lugar onde vivemos hoje.

Quando o senhor decidiu se estabelecer aqui, no ano de 1970, trouxe muito mais do que o desejo de construir um lar. Trouxe consigo um espírito de coragem, trabalho e solidariedade que inspirou tantas pessoas ao seu redor.

Seu gesto generoso ao ceder a mercearia para o senhor José não representou apenas uma ação pontual — foi uma semente plantada que ajudou a construir uma base comercial e social naquele espaço, dando oportunidade para que outros também acreditassem no potencial da nossa terra.

É emocionante pensar em como sua presença marcou vidas, gerou encontros, despertou sonhos e contribuiu para o fortalecimento da nossa identidade coletiva.

Registramos aqui nossa gratidão. Sua trajetória é parte viva da memória da comunidade, e seu legado continua a ecoar em cada canto do nosso território.

Obrigado, Seu Apligio, por ter acreditado e feito a diferença.

Nossa História é Feita de Gente e Memória

A comunidade do Encruzo é feita de histórias, afetos e construções coletivas que atravessam gerações. Desde a chegada de Aplício, em 1970, muitos passos foram dados, e hoje celebramos com alegria o que fomos capazes de construir juntos.

A mercearia, as igrejas e a praça do Encruzo são mais do que espaços físicos: são símbolos da união, da fé e da solidariedade que nos sustentam como comunidade. Cada canto carrega uma lembrança, uma conversa, um gesto de partilha.

Somos hoje um grupo diverso, rico em experiências e vivências. Cada morador contribui com sua história, seu trabalho e seu cuidado, fazendo do Encruzo um lugar de pertencimento e de acolhimento.

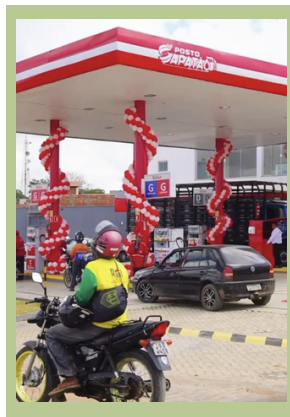
Seguimos acreditando que o caminho se fortalece quando trilhado em conjunto. Por isso, o convite é para que todos continuem se envolvendo nas atividades da comunidade, ajudando a manter vivos os laços que nos unem.

Agradecemos por cada gesto, cada memória compartilhada e por fazerem parte dessa jornada. Que possamos continuar crescendo juntos, superando os desafios como uma verdadeira família.

Com carinho,
Estudantes da comunidade!

11. COMUNIDADE DE LAGOINHA E PAU DE VELA

11.1. Imagens do Cotidiano



Fonte: Acervo da autora.

11.2. Territórios Compartilhados



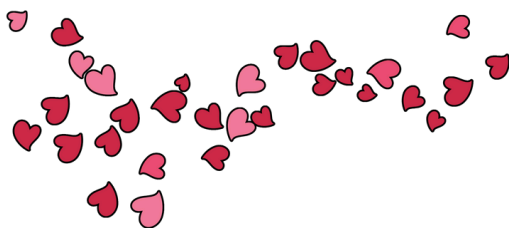
Fonte: Acervo da autora.

No mapa mental das comunidades de Lagoinha e Pau de Vela, alguns lugares destacam-se por fazerem parte do cotidiano das pessoas e contribuírem para o crescimento e o bem-estar coletivo. Em Lagoinha, o **Posto Sapatão** vai além de um simples ponto de abastecimento — configura-se como espaço de passagem, encontros rápidos e conversas informais, onde a sociabilidade se fortalece, como Souza (2022) na discussão sobre espaços públicos e sociabilidade local. O **conjunto habitacional**, por sua vez, trouxe profundas transformações: a chegada de novas famílias, ruas asfaltadas, o crescimento do comércio e a transformação da comunidade, sinalizando dinamicidade e processos de urbanização que influenciam as relações sociais.

Em Pau de Vela, a **Escola Municipal Tancredo Neves** é um marco no avanço do acesso à educação, possibilitando que crianças e jovens estudem próximos de seus lares, aspecto fundamental para a inclusão e permanência escolar em comunidades rurais, conforme ressaltado por Festas (2006) na valorização da educação contextualizada. Outro espaço essencial é o **Posto Pau de Vela**, que, além de funcionar como posto de gasolina, oferece oficinas mecânicas, movimentando a economia local e servindo como ponto de referência para moradores e visitantes.

Esses espaços — o conjunto habitacional, os postos, a escola — não são apenas construções físicas, mas marcos da história viva dessas comunidades.

Esses pontos evidenciam que a vida nas comunidades se constrói diariamente com esforço, união e esperança. São lugares que carregam histórias, simbolizam conquistas e reafirmam o pertencimento, compreendendo o território como espaço de vida, memória e resistência (Origuéla; Pereira, 2022).



11.3 Cartas com Memórias

Cartas das/dos estudantes

Emilly Lorrainy Conceição Gomes

Joyce Santos Araujo

Luiza Ferreira Teixeira

Matheus Santana Borges

Raissa do Nascimento Reiner

Samara Gomes da Silva

Stephany Victoria Bessa Costa Santos



O senhor Inácio nos contou que a comunidade da Lagoinha passou por um processo de urbanização. Antes, era impossível andar de carro ou moto, pois só havia mato, e a única forma de locomoção era a cavalo. O nome Lagoinha vem da grande lagoa que existia na região, que, até um tempo atrás, fornecia alimentos para a comunidade. No entanto, hoje essa lagoa se transformou em uma rede de esgoto dos condomínios e está coberta por mato.

Anos depois, com a chegada da urbanização, dona Benedita vendeu suas terras para a construção de casas do projeto "Minha Casa, Minha Vida", abrindo caminho para a comercialização, o asfaltamento e a iluminação das ruas, o que trouxe uma transformação significativa para a comunidade. Apesar das mudanças, permanecem vivos os laços de pertencimento e as memórias de um tempo em que a vida se organizava de forma mais simples, mas profundamente conectada ao território.

Do outro lado, em Pau de Vela, antes da modernização, os moradores viviam em condições precárias, sustentando-se principalmente da agricultura. Embora essa ainda seja a realidade de muitos, o processo de urbanização trouxe algumas mudanças importantes para o cotidiano da comunidade. Um dos marcos desse processo foi a construção do "Posto Pau de Vela", que se tornou um ponto de referência na região. Além disso, o surgimento de pequenos comércios facilitou a vida dos moradores, promovendo maior acesso a serviços e produtos essenciais.

As histórias de Lagoinha e Pau de Vela revelam comunidades em constante movimento, marcadas por transformações, mas também por resistência e reexistência. Cada passo rumo à urbanização carrega memórias, afetos e desafios, compondo a rica tapeçaria de vidas que seguem firmes em seus territórios, reinventando-se sem perder a essência do que são.

Gente que Faz a Diferença

Nas comunidades de Lagoinha e Pau de Vela, algumas pessoas deixaram marcas com sua dedicação e compromisso. Esta é uma pequena homenagem a quem ajudou a transformar esses lugares com gestos de cuidado, generosidade e amor pela comunidade.

Na Lagoinha, Fanga é conhecido pelo cuidado com a Avenida Rei Davi. Mesmo sem obrigação, ele se dedica a manter as ruas em boas condições, buscando máquinas para melhorar a passagem em trechos esburacados. Como advogado, também coloca sua profissão a serviço das pessoas, sempre atento às necessidades de quem mora ali e disposto a ajudar.

Dona Benedita teve um papel importante na urbanização da Lagoinha. Foi com a venda de seu terreno que surgiram as casas do projeto "Minha Casa, Minha Vida". A chegada dessas moradias não só deu abrigo a muitas famílias, como também fortaleceu o comércio e impulsionou o crescimento da região.

Em Pau de Vela, Dona Edite fez uma doação especial: um terreno para a construção de uma capela. Esse gesto garantiu um espaço de fé, encontros e tradições, fortalecendo a espiritualidade e os laços culturais da comunidade.

Dona Francilina também deixou um legado importante. Com a venda de um terreno, foi possível construir uma das primeiras escolas de Pau de Vela, melhorando a educação num tempo em que ela era bastante precária. Seu nome hoje batiza o "Corredor Francilina", uma justa homenagem a quem tanto contribuiu com o futuro da comunidade.

Essas histórias mostram que, mais do que ruas, casas ou prédios, o que transforma uma comunidade são as pessoas. Gente que age com solidariedade, que pensa no coletivo, e que, com pequenos ou grandes gestos, ajuda a construir um lugar melhor para todos.

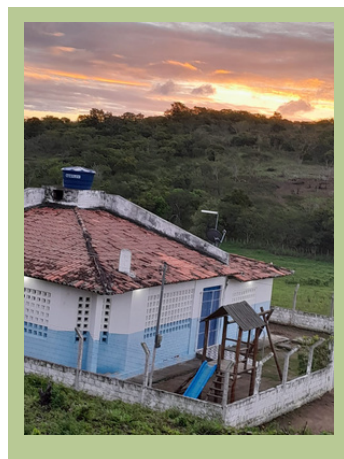
Preservar é amar

Por meio desta carta, queremos agradecer de coração às comunidades da Lagoinha e do Pau de Vela. Vocês têm sido as mãos que cuidam e os corações que zelam pela transformação e modernização desses cantos tão queridos, trazendo mais qualidade de vida para as gerações que ainda vão florescer.

Pedimos, com toda a esperança e afeto, que os moradores de hoje e de amanhã continuem cultivando esse cuidado. Que Lagoinha e Pau de Vela permaneçam como lares vivos, cheios de histórias, memórias e sonhos, lugares onde o respeito pela terra e pelas pessoas seja a luz que guia cada passo, tornando esses espaços sempre mais acolhedores e cheios de vida.

12. COMUNIDADE DO MOCÓ

12.1. Momentos do Mocó



Fonte: Acervo da autora.

12.2. Mapa das Histórias



Fonte: Acervo da autora.

No processo de construção do mapa mental da comunidade do Mocó, as/os estudantes identificaram e destacaram elementos que revelam tanto a estrutura física quanto os vínculos afetivos que as/os moradores mantêm com o território. Os principais símbolos que emergiram desse exercício foram a **ponte**, a **igreja**, o **posto satélite** e a **Escola Municipal do Mocó** — espaços que desempenham papéis cruciais e complementares na vida cotidiana da comunidade.

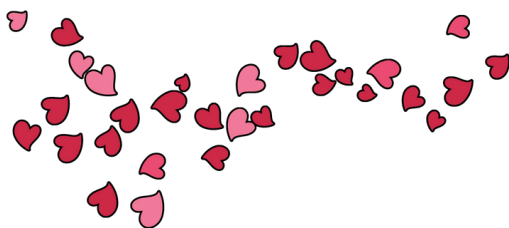
A ponte, mais do que um simples ponto de passagem, foi descrita como um símbolo de conexão, ligando a localidade do Mocó, no município de Antônio Cardoso-BA, ao município de Santo Estêvão. Ela representa uma marca importante na circulação diária das/dos moradoras/es, servindo também como espaço de encontros e trocas. Como aponta Haesbaert (2007), o território se configura a partir das práticas sociais que nele se desenvolvem; assim, a ponte ganha significado não apenas por sua funcionalidade, mas também como espaço de interação e mediação entre comunidades.

A igreja, além de ponto de fé, é vista como um espaço de convivência e fortalecimento das relações sociais. Representa a união da comunidade, onde a solidariedade e as tradições religiosas se entrelaçam, fortalecendo os laços entre as pessoas e promovendo o sentimento de pertencimento.

O posto satélite, por sua vez, é uma referência à saúde e ao direito de acesso à atenção básica. Simboliza uma conquista importante para as/os moradoras/es, garantindo o cuidado com o bem-estar da população, especialmente nas áreas mais afastadas. Essa conquista dialoga com a noção de território camponês como espaço de luta por direitos, como discutem Origuéla e Pereira (2022), em que os serviços públicos constituem instrumentos fundamentais para a permanência e a dignidade das populações do campo.

A Escola Municipal do Mocó é, sem dúvida, o coração da educação na comunidade. Não se trata apenas de um espaço físico de aprendizado, mas também de um ponto de socialização e construção de saberes. É lembrada pelas/os estudantes como fundamental na formação de crianças, jovens e famílias, sendo um dos pilares do desenvolvimento comunitário. Conforme Molina e Sá (2012), a Escola do Campo precisa ser compreendida como espaço de vida e de produção de conhecimento situado, dialogando com a realidade do território e com os saberes da comunidade.

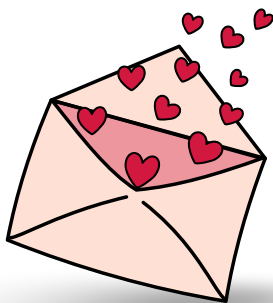
Esses elementos destacados no mapa mental não apontam apenas para a organização territorial, mas evidenciam como as experiências vividas no campo estão profundamente ligadas a espaços de convivência, identidade e resistência. Como destaca Huta (2020), o território se constrói também pelas relações simbólicas e afetivas, sendo espaço de memória e de produção de sentidos. Por meio desse exercício, as/os estudantes nos convidam a olhar para o Mocó com um olhar afetivo, valorizando os saberes e a história local, reconhecendo o território como espaço vivo, político e educativo.



12.3. Vozes do Mocó

Cartas das/dos estudantes

Ana Clara dos Santos Magalhães
Claudia Neres dos Santos de Jesus
Maria Clara Souza de Oliveira Santana
Taissa Epifanio Bispo
Stheffane Sardinha dos Santos



Jacinto Bispo sempre dizia que, há muitos anos, ele e sua família viviam na Fazenda Magalhães, às margens do rio Paraguaçu, no município de Santo Estêvão. O lugar era simples, mas era lar. Até que, um dia, chegaram homens estranhos, com ferramentas de medição nas mãos e um anúncio difícil de acreditar: aquela terra seria tomada pelas águas.

E assim foi. O rio cresceu, tudo foi coberto. Casas, roçados, lembranças — tudo submerso. As famílias que ali viviam foram então levadas para outro lugar. Compraram pedaços de terra numa área chamada Fazenda Mocó. No início, encontraram apenas o mato e o silêncio. Não havia energia, água encanada, nem qualquer estrutura. Era um recomeço duro, sem garantias — só com a força da esperança e do trabalho coletivo.

Mas aos poucos, como as plantas que brotam na terra boa, as coisas começaram a florescer. Vieram os primeiros fios de energia, os canos de água, as casas foram levantadas. Aqueles que tinham perdido tudo voltaram a sonhar.

Foi por volta de 1985 (o ano exato se perdeu no tempo), e, mais de quarenta anos depois, muitos ainda vivem por lá. A Fazenda Mocó pode até ser pequena, sem grandes riquezas, mas é imensa em histórias. É terra marcada por coragem, por gente que não desiste, que planta o amanhã com as mãos calejadas e o coração cheio de memória.

Fazenda Mocó é nome de resistência.
É chão de quem acredita no recomeço.

Obrigada, Senhor Jacinto,

Por todos os seus ensinamentos e por compartilhar com nossa região a sua história de vida, junto com sua família e comunidade, que tanto influenciaram na formação da Fazenda Mocó.

Através das suas memórias, compreendemos as dificuldades enfrentadas em sua antiga moradia — a escassez de recursos, o pouco acesso à água, à alimentação e à educação — e o quanto foi doloroso deixar tudo isso para trás.

Foram tempos de muita luta, marcados pela enchente que lhe tirou o lar e o conforto. Mas, mesmo diante de tantos desafios, o senhor nunca perdeu a fé, a coragem e a vontade de viver. Sua força de vontade em buscar um lugar melhor para morar nos inspira até hoje.

Com carinho e gratidão,

É difícil encontrar palavras que expressem toda a nossa gratidão. Vocês nos ensinaram o poder da oralidade; com vocês, aprendemos só de ouvir.

Graças a vocês, entendemos que a comunidade não é feita de muros, mas sim de gente que cuida e anda lado a lado. Desde pequenos, aprendemos o valor da bondade e da empatia: ajudar quem tem menos, sem esperar nada em troca, porque foi assim que vocês nos ensinaram.

A comunidade já enfrentou muitas lutas, mas nunca deixou de acreditar em um futuro melhor, nunca deixou de confiar na força do coletivo.

Isso nos marcou profundamente. Essa é uma herança que esperamos carregar conosco para sempre. A gente leva adiante tudo o que aprendemos e esperamos honrar esse legado. Também desejamos que as próximas gerações sintam orgulho da nossa trajetória.

Com todo o carinho,
os jovens da comunidade

13. COMUNIDADE DA VÁRZEA DA CASA

13.1. Imagens e Memórias



Fonte: Acervo da autora.

13.2. Território Vivo



Fonte: Acervo da autora.

O mapa mental elaborado pelas/os estudantes da comunidade da Várzea da Casa revelou uma percepção clara e significativa dos espaços que compõem o cotidiano local. Os elementos destacados — a **Igreja Evangélica Assembleia de Deus (ADESE)**, o **posto de saúde**, a **Escola Municipal Neusa Maria Pires da Silva** e o **campo de futebol** — representam dimensões espirituais, sociais, educacionais e de lazer que estruturam a vida comunitária.

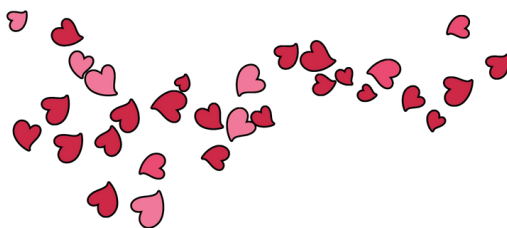
A presença da igreja ADESE reflete a importância da fé e da religiosidade no fortalecimento dos laços sociais e do sentimento de pertencimento. Como apontam Oliveira e Calvente (2012), as manifestações culturais e religiosas nas comunidades do campo são espaços de construção coletiva de saberes e de resistência simbólica, marcando a identidade e a coesão social dos grupos populares.

O posto de saúde surge como símbolo da valorização do acesso à saúde básica — aspecto essencial para a qualidade de vida das/dos moradoras/és. Mesmo sem maiores detalhes sobre seu funcionamento, sua representação indica uma consciência territorializada sobre os direitos sociais. Nesse sentido, Origuéla e Pereira (2022) destacam que o território camponês é construído por meio da luta cotidiana por acesso a políticas públicas e pela permanência digna no campo.

A Escola Municipal Neusa Maria Pires da Silva também ocupa lugar de destaque, evidenciando a centralidade da educação no fortalecimento da comunidade. Para Molina e Sá (2012), a escola do campo deve ser compreendida não apenas como lugar de ensino formal, mas também como espaço de convivência e valorização dos saberes locais, promovendo uma educação contextualizada e emancipadora.

O campo de futebol da Várzea da Casa foi representado como um sonho coletivo — um espaço projetado para o lazer, a prática esportiva e a socialização. Como observam Origuéla e Pereira (2022), os territórios camponeses são tecidos por práticas cotidianas e desejos compartilhados, nos quais o lazer também se configura como dimensão fundamental da vida comunitária e do direito ao espaço.

Juntos, esses elementos representam a forma como a comunidade se reconhece: construída a partir de seus espaços sociais, religiosos, educacionais e afetivos. A identidade da Várzea da Casa se forma, assim, por meio de vínculos, esperanças e projetos compartilhados, que tornam essa comunidade um lugar único, ativo e acolhedor.



13.3 Cartas e Narrativas

Cartas das/dos estudantes

Alicia Marques Neri da Silva

Camila Silva Santos

Huan de Araújo Gomes

Luana Elimonise Araújo de Oliveira

Maria Eduarda Paixão Oliveira

Thaun Sousa Leite Assunção

Rayssa de Melo Ramos

Samilly Launay Alves Medeiros



A formação da comunidade da Várzea da Casa, localizada no município de Santo Estêvão, Bahia, tem suas raízes no território herdado por José Antônio, que o recebeu de seu pai. Esse terreno foi o alicerce para o nascimento da comunidade. José Antônio teve cinco filhos e, ao longo do tempo, cada um deles ficou responsável por uma parte da terra. A região conhecida como Várzea da Casa ficou sob a responsabilidade de Hermenegildo, avô de Helena Araújo, uma das moradoras mais antigas da comunidade.

Com o passar dos anos, os herdeiros de José Antônio e seus irmãos decidiram vender suas terras e se mudar. Isso abriu espaço para que novas pessoas se estabelecessem na região, o que, com o tempo, levou à formação de uma comunidade em crescimento. A medida que a população aumentava, a área foi se fragmentando em diferentes regiões, e cada uma delas recebeu um nome distinto. Com o tempo, a Várzea da Casa foi diminuindo de tamanho, enquanto outras áreas ao redor se desenvolviam e se organizavam sob novas denominações.

A comunidade continuou a se expandir, e com isso surgiram novos estabelecimentos comerciais, como mercados e pequenos comércios, que passaram a atender às necessidades da população. A infraestrutura também evoluiu: o posto de saúde foi construído, as ruas foram pavimentadas com asfalto e novas escolas foram fundadas, incluindo o Colégio Neuza Maria e o Colégio Antônia Araújo, que desempenham um papel fundamental na educação de jovens e adultos.

Assim, a Várzea da Casa se transformou de um pequeno terreno herdado em uma comunidade com uma estrutura sólida e diversificada, refletindo o crescimento e a adaptação da população ao longo dos anos.

Desafios e Conquistas ao Longo do Tempo

A formação da comunidade Várzea da Casa não foi uma trajetória fácil. Os primeiros moradores enfrentaram diversas dificuldades, mas também superaram muitos obstáculos, o que lhes permitiu alcançar grandes avanços. O processo de urbanização na comunidade é visto como um símbolo de progresso, transformando a região ao longo do tempo.

Entre as conquistas da comunidade, destaca-se a formação do time de futebol da Várzea da Casa, que tem se destacado no município e conquistado prêmios. A construção de um possível campo de futebol também é um grande passo para a comunidade, permitindo um espaço dedicado ao lazer e à integração social.

Além disso, a comunidade tem se empenhado em criar projetos voltados para os jovens e crianças, visando tirá-los do mundo virtual e afastá-los das drogas. A ideia de um projeto de escolinha tem sido uma das iniciativas para incentivar as crianças a se engajarem em atividades saudáveis, promovendo o desenvolvimento físico, social e emocional das novas gerações.

Carta à Senhora do Tempo e da Terra

Querida Helena Araújo,

Escrevo estas palavras com carinho e respeito, mesmo sem conhecê-la pessoalmente. Meu desejo é que esta carta lhe encontre com saúde, paz e esperança no coração.

Imagino sua rotina cercada pela natureza, pelo trabalho digno da terra e pela força que só quem vive no campo conhece tão bem. A senhora representa uma parte essencial do nosso país, que muitas vezes é esquecida: o Brasil que planta, que cuida, que espera a chuva com fé e colhe com gratidão.

Sei que a vida nem sempre é fácil. Os desafios do clima, da distância e até do reconhecimento são grandes. Mas também sei que há uma sabedoria única em viver com a terra e com o tempo.

Admiro as pessoas como a senhora, que mantêm tradições vivas, que conhecem os segredos das plantas, das estações, da costura, do fogão a lenha, dos chás que curam e das histórias que ensinam.

Coração Vivo e Raiz Forte de Santo Estêvão

Com muito respeito e admiração, escrevemos esta carta para reconhecer a importância de vocês na história do nosso município de Santo Estêvão.

A Várzea da Casa é uma comunidade forte, bem estruturada e cheia de vida. É fácil perceber a união entre os moradores, a colaboração no dia a dia e o compromisso de cada um com o bem comum.

Tudo isso faz uma grande diferença e serve de exemplo para muitos. Vocês não são apenas parte da história, mas sim uma parte essencial dela.

A cultura, os costumes, o jeito de viver e de trabalhar juntos mostram a grandeza e a beleza dessa comunidade. É um orgulho poder afirmar que Santo Estêvão conta com a Várzea da Casa como uma das suas raízes mais firmes.

Referências

BUZAN, T. **Use sua mente**. São Paulo: Best Seller, 2000.

CALDART, R. S. **Pedagogia do movimento sem terra**. Petrópolis: Vozes, 2004.

CALDART, R. S. Educação do Campo. In: CALDART, R. S.; PEREIRA, I. B.; ALENTEJANO, P.; FRIGOTTO G. (org.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.p.257-264.

CARVALHO, L.F.O.; FERREIRA, M.J.L. Educação do campo e práticas educativas em espaços escolares e não escolares: Perspectivas de trabalho, contra-hegemonia e emancipação humana. In: CARVALHO, L.F.O.; FERREIRA, M.J.L. (org.). **Práticas educativas nas escolas do campo e em outros espaços educativos dos territórios rurais**. Salvador: JM Gráfica, 2020.p.11-20.

CALVENTE, M. del C. M. H.; MOURA, J. D.P; ANTONELLO, I T. A pesquisa de memória viva: uma experiência da sua utilização na formação dos professores de Geografia. **Geografia**, v. 12, n. 1, p.1-12, jan./jun. 2003.

FELIX de S. A. Sociabilidade pública: interação social e espaços públicos. **Geosp**, São Paulo, v. 26, n. 1, e-188940, abr. 2022. Disponível em: BUZAN, T. Use sua mente. São Paulo: Best Seller, 2000.

FERNANDES, B. M. Questões teórico-metodológicas da pesquisa geográfica em assentamentos de reforma agrária. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n.75, p.83 129, 2001.

FESTAS, M.I.F. A aprendizagem contextualizada: análise dos seus fundamentos e práticas pedagógicas. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 6, n. 18, p. 447-463, set./dez. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/pCzJCg3hLwdjL6DxJwM6zTD/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 7 ago. 2025.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1982.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 33. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

HUTA, S. da S. Territórios afetivos: cartografia do aconchego como uma cartografia de poder. **Caderno Prudentino de Geografia**, São Paulo, v. 2, n. 42, p. 63–89, 2020. Disponível em: . Acesso em: 29 jul. 2025.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 1999.

LEITE, L. H. A. Educação integral, territórios educativos e cidadania. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 45, p. 57-72, jul./set. 2012. Editora UFPR. Disponível em: scielo.br/j/er/a/PbBdnCFRhmGgPkvBsJ95Htr/?format=pdf Acesso em: 6 ago. 2025.

MOLINA, M. C; JESUS, S. M. S. A. de (Orgs.). **Por uma educação do campo: contribuições para a construção de um projeto de educação do campo**. Brasília, DF: Articulação Nacional “Por Uma Educação do Campo”, 2004.

MOLINA, M. C.; SÁ, L.; M. Escola do Campo. In: CALDART, R. S. et al. (org.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; São Paulo: Expressão Popular, 2012 p. 326-333.

ORIGUÉLA, C. F; PEREIRA, L. I. Resistências territoriais camponesas no Brasil. **Revista NERA**, Presidente Prudente, v. 25, n. 62, p. 08-21, jan./abr. 2022. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/view/9154> . Acesso em: 7 ago. 2025.

OLIVEIRA, A.N de; CALVENTE, M. del C.M. H. As múltiplas funções das festas no espaço geográfico. **Interações**, Campo Grande, v. 13, n. 1, p. 81-92, jan./jun. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/inter/a/p9JsgCShXZqwZPNMSFsDRfc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 7 ago. 2025.

PASSOS, L.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. **Cartografia e pesquisa-intervenção: por uma cartografia das multiplicidades.** Educação & Sociedade, Campinas, v. 33, n. 119, p. 35-48, jan./mar. 2012.

PRADO FILHO, K; TETI, M. M. **A cartografia como método para as ciências humanas e sociais.** Barbarói, Santa Cruz do Sul, n. 38, p. 45-49, jun. 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-65782013000100004. Acesso em: 7 ago. 2025.. Acesso em 07 ago. 2025.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, M. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional.** 5.ed. São Paulo: Edusp, 2013

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** São Paulo: Hucitec, 1996.

SCHERER, L; GRISCI, C.L. I. Cartografia como método de pesquisa para estudos de trabalho e subjetividade. **Revista de Administração Contemporânea**, [S.l.], v. 26, Artigo Metodológico, 2022. Disponível em: scielo.br/j/rac/a/QQT7x3GYszjB6GSxtD8nJvL/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 7 ago. 2025.

SOUZA, A. F. de. Sociabilidade pública: interação social e espaços públicos. **GEOUSP Espaço e Tempo (Online)**, São Paulo, Brasil, v. 26, n. 1, p. e-188940, 2022. DOI: 10.11606/issn.2179-0892.geousp.2022.188940. Disponível em: <https://revistas.usp.br/geousp/article/view/188940>. Acesso em: 7 ago. 2025.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** São Paulo: Difel, 1983.

Este livreto nasceu do compromisso com uma Educação do Campo significativa, enraizada na vida dos sujeitos que constroem, habitam e transformam seus territórios. Ao longo das oficinas e atividades aqui propostas — fundamentadas no Inventário da Realidade, na escuta sensível e na construção coletiva do conhecimento — foi possível perceber a potência dos saberes que as/os estudantes carregam sobre o lugar onde vivem.

No contexto do ensino de Geografia, essas práticas contribuíram para ampliar o olhar sobre o território, compreendendo-o não apenas como espaço físico, mas como uma construção social, histórica, cultural e afetiva. Mapas mentais, narrativas, relatos orais e registros visuais foram instrumentos fundamentais para fortalecer essa leitura crítica do espaço vivido.

Ao integrar o cotidiano das/dos estudantes à sala de aula, o trabalho pedagógico se torna mais vivo, mais próximo e mais transformador. Reafirmamos, assim, que a escola precisa dialogar com a realidade concreta de seus sujeitos, valorizando suas identidades, memórias, culturas e modos de vida.

Esperamos que este material inspire outras experiências educativas que façam do ensino de Geografia uma ferramenta de leitura do mundo e de intervenção sobre ele — fortalecendo o pertencimento, a cidadania e a luta por uma educação mais justa, crítica e conectada ao território.



Fonte: Acervo da autora.